

Memórias e produções simbólicas no oeste do Paraná: uma análise da exposição permanente do Ecomuseu de Itaipu*

Memories and symbolic productions in western Paraná: an analysis of the permanent exhibition of the Itaipu Ecomuseum

Isabela Backx **

Resumo: O artigo analisa a exposição permanente do Ecomuseu de Itaipu, instituição que se dedica ao desenvolvimento dos projetos de preservação patrimonial, transformação social e expansão científica cultural da Usina Hidrelétrica de Itaipu em sua área de influência no Brasil. Num primeiro momento, o trabalho se concentra na análise expográfica do Ecomuseu por meio da descrição de seu percurso expositivo e dos discursos comunicados nele, o que é feito por meio do estudo das relações travadas entre os diversos elementos expositivos, tais como artefatos, textos e estratégias de iluminação. Em seguida, analisa-se a operatividade simbólica desses discursos, de modo a assinalar o modo pelo qual essa exposição influencia a produção das relações sociais em seu território. Para finalizar, o artigo destaca a importância do desenvolvimento de práticas museológicas e científicas capazes de incentivar a reconexão entre os seres humanos e a natureza por meio de valores afetivos e de solidariedade, uma estratégia compreendida como fundamental para a superação da crise ambiental da atualidade.

Palavras-chave: Ecomuseu de Itaipu; análise expográfica; preservação patrimonial; discursos museológicos.

Abstract: The article analyzes the permanent exhibition of the Itaipu Ecomuseum, an institution dedicated to the development of projects about heritage preservation, social transformation and cultural scientific expansion of the Itaipu Hydroelectric Power Plant in its area of influence in Brazil. At first, the work focuses on the expographic analysis of the Ecomuseum through the description of its expository path and the discourses communicated in it, which is done through the study of the relations between the various expository elements, such as artifacts, texts and lighting strategies. Then, the symbolic operability of these discourses is analyzed, in order to point out the way in which this exhibition influences the production of social relations in its territory. Finally, the article highlights the importance of developing museological and scientific practices capable of encouraging the reconnection between human beings and nature through affective values and solidarity, a strategy understood as fundamental to overcoming the current environmental crisis.

Key-words: Itaipu Ecomuseum; expographic analysis; heritage preservation; museological discourses.

* Este trabalho contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por meio do processo nº 18/14308-0.

** Doutora em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio no exterior na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Paris). Mestre em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas e pesquisadora colaboradora do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS/MAE/USP). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (USP, abril 2019 a abril 2022). Atualmente, dedica-se a pesquisar as relações entre a ocupação histórica do meio ambiente e a produção de discursos e identidades. Atua principalmente nos seguintes temas: cultura material, patrimônio, análise de discursos patrimoniais, Arqueologia Pública, o intelectual Paulo Duarte, análise de discursos expográficos. isabela_backx@yahoo.com.br

Introdução

A partir da década de 1970, a região do Oeste do Paraná passou por diversas transformações, advindas de uma das maiores obras de engenharia civil já realizadas no planeta: a construção da usina hidrelétrica de Itaipu. Construída no Rio Paraná, na fronteira entre o Paraguai e o Brasil, a usina é uma Entidade Binacional criada em 1973 com o objetivo de aproveitar o potencial hídrico desse rio. Em 2021, ela foi responsável por abastecer 8,4% de todo o consumo de eletricidade brasileiro, assim como 85,6% do paraguaio (ITAIPU BINACIONAL, 2022).

O projeto, negociado entre os governos brasileiro e paraguaio desde 1965, começou a ser erguido em 1975 e foi finalizado apenas em 2007, modificando profundamente o meio ambiente, a cultura, a economia e a população do território.

Até 1974, a cidade de Foz do Iguaçu possuía vinte mil habitantes e apenas duas ruas asfaltadas. Nos quatro anos seguintes, mais de nove mil moradias foram construídas na região para abrigar os trabalhadores da obra, o que resultou na quintuplicação dos habitantes em dez anos (ITAIPU BINACIONAL, [s.d.]).

As obras necessárias para a construção da usina foram diversas, envolvendo desde a mudança de curso do Rio Paraná (1978) até a construção da barragem, para a qual foram necessários 12,3 milhões de metros cúbicos de concreto. Para dar conta de todas as atividades que essas obras envolviam, milhares de trabalhadores paraguaios e brasileiros foram contratados. De 1978 e 1981, no auge da demanda por mão de obra, entre 3 e 5 mil contratações eram feitas por mês. Ao longo de toda a construção, o consórcio Unicon (União de Construtoras Ltda) cadastrou mais de 100 mil trabalhadores.

Em 1982, uma importante etapa do projeto foi concluída: a criação do lago de Itaipu, por meio da inundação de uma área de 135 mil hectares. Para isso, foi necessário transferir aproximadamente 40 mil pessoas que habitavam a área para outras localidades, dentre as quais havia pequenos proprietários, posseiros e diversos grupos guaranis. A respeito desses últimos, o relatório “Ava-Guarani: a construção de Itaipu e os direitos territoriais”, produzido pela Procuradoria Geral da República, afirma que “*houve contra eles uma intensa atuação colonial/estatal voltada à negação de sua existência, de sua identidade indígena e de que tinham direitos sobre as terras onde se encontravam*” (ALCÂNTARA *et al.*, 2019).

Assim, para melhor contextualizar a criação da usina, é necessário destacar que até quatro meses antes da inundação para a formação de seu lago, diversas

famílias guaranis ainda viviam na região, as quais foram pressionadas de modo violento a se transferir para uma nova área perto do rio Jacutinga. Apesar de exigirem uma área de 1.500 hectares, as famílias receberam 231,88 hectares, sendo que, desses, uma faixa de 7Km de comprimento por 240 metros de largura de dimensão era Área de Preservação Permanente da Itaipu (BRIGHENTI, 2018).

A criação do lago também decorreu na inundação das Sete Quedas, um lugar sagrado para os guaranis e, na época, a maior cachoeira em volume de água do mundo. De modo a mitigar os danos causados pela inundação, a Itaipu desenvolveu diversos projetos de catalogação e resgate, como a operação MymbaKuera¹, por meio da qual 36.450 animais que viviam na área a ser inundada foram salvos (ITAIPU BINACIONAL, [s.d.]).

Além disso, as ações para mitigar os impactos da construção da usina envolviam também a criação de um museu, previsto desde os primeiros estudos realizados para a implantação da usina, no *Plan Básico de Conservación del Medio Ambiente* (Plano Básico de Conservação do Meio Ambiente) de 1975. Esse documento aborda as prováveis implicações biológicas e sociais do projeto, recomendando a criação de um museu de história natural que garantisse o acesso às coleções advindas das ações de preservação (ITAIPU BINACIONAL, 1975, p. 24).

O projeto ficou a cargo da museóloga e historiadora Fernanda Camargo-Moro, representante da empresa MUSEION², cuja consultoria foi contratada em 1985. O Plano Diretor, que data de 1986, traz as definições do que seria a nova instituição:

[...] ao pensarmos neste museu como elemento de preservação do meio ambiente, não tomamos em consideração o museu clássico tradicional, mas sim uma proposta mais nova de museu que possa assumir a coordenação sistêmica de um processo de preservação de um meio ambiente integrando-o ao desenvolvimento cultural, social, econômico e tecnológico – um ecomuseu (MORO, 1986, p. 24)

O Ecomuseu de Itaipu foi pensado com base nas novas propostas de interpretação do patrimônio que se desenrolavam na década de 1980, sendo inspirado pela Carta da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) e pela ideia do museu integral, “*destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural*” (ICOM; UNESCO, 1972).

Nesse sentido, previa-se a instalação de uma instituição capaz de articular o território, a população local e o seu patrimônio (natural e cultural), integrando esses

¹ Do tupi-guarani, seu significado é “pega-bicho” (ITAIPU BINACIONAL, [s.d.]).

três elementos de modo harmônico para alcançar o desenvolvimento regional em conjunto com a preservação do meio ambiente. Assim, o Ecomuseu não possuiria apenas as funções de pesquisa, conservação e comunicação do patrimônio, mas desempenharia uma função mais ampla, relacionada à transformação social e à expansão científico cultural, sendo “o elemento coordenador do processo de preservação do momento que passou, mas também da preservação do momento presente e de boa acolhida do momento futuro” (MORO, 1986, p. 25).

Desse modo, segundo o Plano Diretor, o Ecomuseu deveria desenvolver uma rede de atividades em toda a região da Itaipu, promovendo, dentre outras, ações de educação ambiental que incentivassem o estabelecimento de um convívio entre os indivíduos e o meio ambiente baseado num entendimento afetivo. Tal afeição foi destacada como um elemento basilar para o processo de preservação do meio ambiente, que seria interpretado, assim, sob um ponto de vista sistêmico (MORO, 1986, p. 60).

Além disso, o projeto de educação ambiental previa a coleta participativa para a formação do acervo da instituição, ou seja, o envolvimento da comunidade para a coleta de objetos, espécies e testemunhos que fossem capazes de produzir uma história do território por meio de um viés participativo, e não restrito aos testemunhos das classes dirigentes (MORO, 1986, p. 62).

Baseado nessas ideias, o Ecomuseu de Itaipu foi inaugurado em 16 de outubro de 1987, consolidando-se como o primeiro ecomuseu da América Latina. Atualmente, seu acervo é dividido nas coleções botânica, zoológica, arqueológica, etnográfica e da história do empreendimento, as quais compreendem 8.208 peças. O projeto de formar um acervo colaborativo foi alcançado principalmente por meio da coleção etnográfica, que conta com diversos objetos doados pela comunidade, como estribos, relógios de bolso e uma carpideira (SILVA, 2019a).

O Ecomuseu foi instalado no edifício que antes abrigava o Centro Admissional da Unicon e, ao longo dos anos, passou por diversas reformas e adaptações. Hoje em dia, o núcleo básico da instituição possui 1.400m², mas as ações da instituição não se concentram apenas nele. O território de abrangência do Ecomuseu se estende por 54 municípios da Região Oeste do Paraná, com os quais desenvolve simpósios, encontros, festivais e diversas outras atividades culturais e de educação ambiental, como a organização de exposições itinerantes. As ações ocorrem principalmente por meio da Rede Regional de Cultura e Patrimônio da Bacia do Paraná 3 (BP3), composta por representantes de diversos municípios.



Figura 1 - Vista aérea do Ecomuseu de Itaipu (Fonte: SILVA, 2019, p.31).

Desde a sua inauguração, o Ecomuseu já passou por revitalizações nos anos de 2002, 2010 e em 2021. O módulo para exposições temporárias, denominado Espaço Temático, foi inaugurado em 2001, no contexto da primeira revitalização, e abriga exposições que permanecem em média de 3 a 6 meses na instituição, abordando temáticas como o patrimônio cultural da região, seus vestígios arqueológicos e a vegetação da mata atlântica, entre diversos outros.

Assim, durante seus mais de trinta anos de existência o Ecomuseu de Itaipu tem procurado desenvolver um trabalho de preservação patrimonial, educação ambiental e desenvolvimento de grande parte do território abarcado pela Bacia do Paraná 3. O presente trabalho se concentrará na análise da exposição permanente dessa instituição, compreendida como o núcleo a partir do qual é possível observar alguns dos principais conceitos e ideias que são comunicados pelo Ecomuseu, e o modo como esses influenciam as dinâmicas culturais, sociais e ambientais da região.

1. Análise expográfica

A exposição permanente do Ecomuseu de Itaipu conta com seis módulos: O Território Regional e as Técnicas de Subsistência; Ciência na Esfera; O Empreendimento: Tecnologia para Geração de Energia; A Gestão Socioambiental: Uso Qualificado do Patrimônio; Estudos, Pesquisa e Inventários; Reserva Técnica.

Além desses, a área externa também expõe diversos objetos etnográficos, disponibilizados ao redor de todo o edifício.

É importante destacar que, durante as visitas realizadas à exposição, não foi possível acessar os dois últimos módulos dessa, pois tais visitas foram realizadas em setembro de 2021, no contexto da pandemia de COVID-19. A ocasião, que resultou na baixa visitação à instituição, foi aproveitada para a realização de uma nova reforma, de modo que alguns módulos se encontravam inacessíveis, assim como alguns recursos interativos sensíveis ao toque, desabilitados em razão de medidas sanitárias para conter a pandemia.

No entanto, diversos recursos desses módulos foram rearranjados para outras áreas da exposição, de modo que a análise da exposição não ficou comprometida.

De modo geral, a exposição apresenta elementos bastante heterogêneos. Em seus módulos é possível encontrar uma variedade de códigos e objetos diferentes, como simuladores, dioramas, fotografias, objetos etnográficos e espécies de fauna e flora, assim como textos, áudios e vídeos. O seu percurso é longo e livre, mas conta com a orientação de mediadores em diversos pontos, como na entrada principal e em lugares com tendência a criar pequenas aglomerações.

Como a exposição foi concebida para um edifício pré-existente, ou seja, com características arquitetônicas que não foram originalmente pensadas para abrigá-la, a presença dos mediadores é fundamental. O edifício tem um formato modular que se assemelha a três letras Y conectadas, como é possível observar na Figura 1, o que torna difícil a dedução autônoma do percurso, visto as inúmeras possibilidades de deslocamento. Nesse sentido, a presença dos mediadores é fundamental para a ambientação e para que a visita seja realizada na sequência pensada pelos curadores.

Logo ao passar pela bilheteria, o visitante é informado de que a exposição possui um acervo externo. Esse é composto por objetos etnográficos de grandes dimensões, como uma roda d'água, um carro de boi, uma moenda e um arado, além de objetos que foram utilizados durante as obras para a construção da Usina de Itaipu, como uma escavadeira e um caminhão apelidado de Sansão. Outros elementos que remetem à função original do prédio também foram mantidos, como uma escultura metálica contendo as descrições "Unicon – Manutenção".

Na área externa da instituição também foi disponibilizada a réplica de um enterramento da tradição Tupi-guarani, de modo que, antes mesmo de entrar no

núcleo básico, o visitante já tem um primeiro contato com objetos que remetem aos diferentes tipos de ocupação da região.

Apesar de não estar explicitamente denominado, o conceito de museu integral é comunicado logo na entrada principal desse núcleo, como pode ser visto na Figura 2. Nela, há uma explicação da logomarca do Ecomuseu, na qual se representa graficamente a interação entre o Homem e sua cultura, ambos integrados no ecossistema. O painel, produzido em cerâmica, demonstra a importância que os curadores da exposição conferiram à disseminação dos valores fundamentais da instituição, que recepcionam os visitantes na entrada do seu edifício principal.



Figura 2 - O conceito de museu integral foi basilar na concepção do Ecomuseu e é comunicado logo na entrada do seu núcleo principal (Fonte: produzida pela autora, 2021).

Logo ao entrar, o público é direcionado por um dos mediadores para uma sala localizada à esquerda da porta principal, na qual se encontra o módulo O Território Regional e as Técnicas de Subsistência.

Ao lado esquerdo de sua entrada, um painel faz uma pequena introdução a respeito da ocupação do Oeste do Paraná. Menciona-se que a região já foi ocupada por indígenas e espanhóis, mas o foco recai sobre a ocupação histórica da região, principalmente o período relacionado ao sistema de Obrages (1881 a 1930), quando a exploração extrativista da erva-mate e da madeira eram as atividades principais, e ao início da colonização moderna do Oeste Paranaense, o que teria ocorrido a partir de 1930 com a instalação de empresas colonizadoras na região.

Ao lado direito, o painel intitulado “Colonização da Região” se aprofunda um pouco mais nesse período, apresentando uma diversidade de fotografias das famílias que chegaram para colonizar a área, a partir de inícios do século XX. Para além dessas imagens, o painel também ressalta a importância do rio Paraná como um caminho pelo qual circulavam não só mercadorias, mas também pessoas e ideias.

Assim, o visitante entra no primeiro módulo já com uma ideia a respeito do processo de ocupação da região e da importância que a colonização recebe nesse processo.

O módulo “O Território Regional e as Técnicas de Subsistência” possui características diferentes dos outros espaços da exposição, a começar pela sua estratégia de iluminação. Seu ambiente é mais escuro e possui focos de luz direcionados, enquanto no restante da exposição os espaços são claros e se aproveitam largamente da iluminação natural vinda de janelas e portas.

Como é possível ver na imagem abaixo, no módulo em questão o uso da penumbra predomina como estratégia de iluminação, de modo que a luz é utilizada para dar destaque a certos pontos e objetos da sala, ressaltando a sua importância no discurso expositivo. Nesse sentido, os painéis explicativos e as vitrines que os acompanham também possuem iluminação própria, atraindo o olhar do público. O efeito, de modo geral, é a criação de um ambiente íntimo, com pontos estrategicamente iluminados para despertar a curiosidade dos visitantes.

Outra diferença marcante da cenografia desse módulo é a adoção de grandes vitrines contínuas que foram disponibilizadas ao longo de todas as paredes da sala, o que produz uma espécie de muro de vitrines. Nesse muro, encontram-se representadas diversas fases de ocupação da região, passando pela indígena em 2.000 a.C. e chegando até a segunda metade do século XX. A falta de uma “quebra” entre as vitrines produz uma espécie de interligação entre essas, comunicando um sentido mais contínuo entre as diferentes fases de ocupação do Oeste paranaense.



Figura 3 - Aspecto geral do primeiro módulo da exposição permanente. Ecomuseu de Itaipu. A utilização da penumbra e de uma iluminação de destaque produz um ambiente íntimo com vitrines que atraem a curiosidade dos visitantes (Fonte: www.umviajante.com.br, 2020).

No interior desse muro, grandes manequins e dioramas abordam essa ocupação. Os indígenas são representados nas três primeiras vitrines: “Caçadores coletores – Cerca de 2.000 a.C.”, “Ceramistas, tradição Itararé – Cerca de 1.000 a.C.” e “Escola Jesuítica da Província del Guairá – Século XVII”. Os manequins de cada uma dessas aparecem, respectivamente, manuseando artefatos de pedra, produzindo cerâmicas e parados em frente à representação de um padre que lê um livro. É importante destacar que, além do padre, apenas manequins de crianças figuram nessa última vitrine, que faz uma referência clara ao processo de catequização indígena.

À frente de cada uma dessas vitrines foram disponibilizados um conjunto de painéis e de vestígios que contextualizam a temática abordada. Assim, ao lado dos dizeres “Caçadores coletores – Cerca de 2.000 a.C.” encontram-se raspadores, lâminas de machado, trituradores e pontas de projétil, entre outros. Diversas placas identificam esses artefatos, mas não há uma explicação sobre a sua funcionalidade ou o modo de vida dos caçadores coletores. Ao lado direito, um painel apresenta diversas posições para a utilização do arco e flecha e, logo depois, uma fotografia em branco e preto retrata os membros inferiores e superiores de um indivíduo, que parece triturar um elemento não identificável para a extração de um líquido. A utilização da fotografia em sépia e a falta de informações descritivas, característica observada em outros momentos da exposição, dificultam a compreensão desse conjunto de elementos como um todo.

Como afirmou o museólogo Jean Davallon (1999), as exposições são caracteristicamente semióticas, de modo que elas têm a capacidade de criar laços entre os objetos disponibilizados em um espaço e fazê-los conversar entre si. Nesse

sentido, a articulação entre os diferentes elementos utilizados para comunicar a presença indígena nessas primeiras vitrines (fotografias, manequins, artefatos indígenas e painéis textuais) produz um discurso compreensível para um público especializado, que possui conhecimentos prévios para preencher certas lacunas como, por exemplo, a compreensão do painel que diz “Ceramistas, tradição Itararé – Cerca de 1000 a.C”. Esse público sabe que o termo “tradição Itararé” é utilizado para designar um grupo de indígenas a partir das características singulares de sua produção cerâmica, mas a falta de uma explicação prévia sobre essa designação dificulta a compreensão do conjunto por parte do público não especializado, o que pode dificultar também a articulação dessa informação aos vestígios cerâmicos disponibilizados ao lado desse painel. Desse modo, o discurso expositivo pode ficar truncado para os visitantes que não possuem tais conhecimentos prévios.

Após essas primeiras vitrines, os indígenas não são mais abordados nesse módulo. O restante dos elementos se foca em abordar as atividades econômicas na região e as transformações do território, tais como a urbanização desse. Assim, aborda-se o sistema de obras por meio da reprodução de uma jangada (utilizada para o transporte de toras de madeira) e de um grande diorama que retrata um porto de obrageros, no qual é possível ver detalhadamente como era feito o carregamento de madeira e erva-mate para ser transportado em rios. O painel que acompanha esse recurso é bem descritivo, indicando que se trata de um “Porto ‘obrageros’ – carregamento e transporte de toras de madeira e erva-mate no rio Paraná (séculos XIX e XX)”. Junto a uma fotografia em branco e preto, na qual é possível ver nitidamente três indivíduos carregando grandes sacos, o conjunto de elementos se complementa e produz um discurso de fácil compreensão para qualquer tipo de público.

O próximo diorama apresenta uma família ao lado de uma grande plantação. Ele joga luz sobre o grande desmatamento causado por esse tipo de ocupação do solo, além de evocar uma sensação de pobreza relacionada a essa família, que habita um casebre localizado ao lado. Comunica, assim, a mensagem de que a exploração inadequada do solo gera repercussões no modo de vida dos indivíduos.

Por último, um diorama com a representação de uma rua pontuada por diversos carros e prédios representa a urbanização do Oeste Paranaense e encerra o módulo, iniciado com a ocupação indígena em 2.000 a.C., com a representação de uma cidade da segunda metade do século XX. De acordo com o vídeo “Conhecendo o

Ecomuseu da Itaipu Binacional – Episódio 1”, disponível no *site* da Itaipu Binacional², o módulo apresenta efetivamente uma linha do tempo, que engloba desde os primórdios da habitação da região até meados da década de 1970 e 1980.

Ao sair desse primeiro módulo e continuar sua visita pela parede à esquerda, o visitante encontra o painel “Erva-mate: o ouro verde do Paraná”. Trata-se de um recurso que complementa o conteúdo visto anteriormente, pois destaca a importância desse cultivo para a economia e o povoamento da região. Ao abordar a sua história, menciona que a erva-mate foi primeiramente utilizada pelos guaranis que habitavam a área, sendo que a sua extração se tornou a principal atividade econômica da região entre o período compreendido entre a metade do século XVI e o ano de 1632. O painel explica ainda como se dava todo o processo de beneficiamento, desde a colheita até sua exportação.

Logo depois encontra-se o painel “Ciência na Esfera”, que explica o recurso disponibilizado no próximo módulo da exposição, uma ferramenta educacional de mesmo nome que permite visualizar diversos fenômenos climáticos e processos, tais como os atmosféricos e oceanográficos, que ocorrem na Terra e em outros planetas do nosso sistema solar.

O acesso é feito pela porta que se encontra ao lado esquerdo do painel, a qual dá acesso a uma sala na extremidade superior esquerda do edifício. No local, os visitantes permanecem sentados ao redor de uma esfera de 1,7m de diâmetro, que fica suspensa no meio da sala e recebe projeções de imagens da Terra ou de outros planetas. Trata-se de uma ferramenta interativa que chama muito a atenção do público, além de possuir um grande potencial para sensibilizá-lo em relação aos efeitos que as ações dos seres humanos têm sobre o meio ambiente e sobre o planeta.

Ao sair do “Ciência na Esfera”, o visitante encontra no hall algumas vitrines e painéis relativos às coleções de arqueologia e zoologia do Ecomuseu, disponibilizadas nesse lugar em razão das reformas que vinham sendo empreendidas aos módulos “Estudos, Pesquisa e Inventários” e “Reserva Técnica”.

Os recursos voltados à arqueologia, compostos de dois painéis e uma vitrine, abordam o projeto de pesquisa e salvamento arqueológico realizado no contexto de construção da usina de Itaipu. O primeiro painel, intitulado “A Pesquisa Arqueológica de Itaipu”, encontra-se à esquerda da saída do “Ciência na Esfera” e possui uma linguagem clara e acessível, permitindo que o público não especializado possa

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jUBIJfYF880&list=PLsm25KqepjKAJVhyIWxkBufb-IYMK3euu&index=3>. Acesso em: 12 jul. 2022.

compreender facilmente como se desenvolveram os trabalhos arqueológicos, suas etapas e os resultados alcançados. Assim, comunica que os trabalhos conseguiram reconstituir o povoamento da área de Itaipu no período compreendido entre 6.165 a.C. e 1920 d.C.

O painel seguinte, “Cronologia das Fases Arqueológicas Pesquisadas” apresenta uma longa linha cronológica que se inicia em 6.000 a.C. e termina em 1850 d.C. Ele aborda detalhadamente os grupos culturais em que foram divididos os povos aos quais pertenciam os vestígios encontrados, compreendendo uma grande divisão entre grupos pré-ceramistas e ceramistas e, posteriormente, a divisão desses últimos em variadas fases. Trata-se de um grande painel que articula com sucesso imagens e textos para explicar aspectos como a caracterização desses vestígios, os modos de vida dos grupos aos quais pertenciam e até mesmo o trabalho dos arqueólogos envolvidos na pesquisa, mas, por vezes, parece dialogar mais com o público que possui conhecimentos prévios em arqueologia. Nesse sentido, utiliza termos como proto-história e sítios históricos sem defini-los, dirigindo-se exclusivamente a um público mais especializado.

A vitrine que acompanha esses recursos textuais complementa o conjunto arqueológico por meio da exibição dos vestígios mencionados. Ela possui dois níveis e apresenta artefatos líticos e cerâmicos, os quais são acompanhados de placas de identificação, mas carecem de explicações sobre sua utilização, o que reforça a noção de um diálogo exclusivo com os visitantes especializados.

Ao lado desse conjunto, um painel e duas vitrines comunicam os resultados da pesquisa botânica também realizada no contexto de construção da usina. O painel aborda dados como a quantidade de espécies coletadas, as coleções organizadas com essas e sua importância. Além disso, joga luz sobre a importância dos conhecimentos indígenas e populares da região, mencionando que os saberes medicinais desses grupos, a respeito das espécies coletadas, foram reunidos e publicados no livro “Plantas Medicinais do Oeste do Paraná”.

Por último, o texto destaca a importância e grandeza do processo de reflorestamento empreendido pela hidrelétrica, salientando que, em 2019, uma área de mais de 100 mil hectares pertencentes ao lado brasileiro da usina foi declarada como Reserva da Biosfera.

As vitrines que acompanham esse recurso exibem diversas espécies de flora e fauna coletados durante as pesquisas. Muitas dessas não são identificadas, o que compromete a compreensão desse recurso.

Por último, o hall apresenta dois painéis com informações sobre as ações socioambientais empreendidas na região desde 1975, ainda na fase de pré-reservamento do reservatório da usina. O painel “Marcos das Ações Socioambientais Desenvolvidas pela Itaipu” pontua a data em que foram levadas a cabo algumas das principais ações de preservação e educação, tais como a criação de três refúgios biológicos em 1984 e a criação do Ecomuseu em 1987. As imagens que ilustram esses marcos foram disponibilizadas em formato de organograma, uma estratégia que comunica, com sucesso, o sentido de que a grande maioria desses marcos está interconectado, formando uma rede diversificada de ações socioambientais que abrange um vasto território.

Tais ações são detalhadas no outro painel, denominado “Ações Socioambientais”, no qual se explica que essa diversidade de obras foi realizada para mitigar o impacto causado pela formação do lago de Itaipu. Dentre elas, cita-se a construção de um canal da piracema em 2002 e a construção de um zoológico e um hospital veterinário em 2004, informações que se complementam com o painel anterior para reafirmar a importância e a variedade de ações empreendidas pela Itaipu.

Ao sair do hall e continuar a visita virando a sua esquerda, o visitante encontra um dos espaços mais importantes para a compreensão da história de Itaipu. Trata-se do módulo “O Empreendimento: Tecnologia para Geração de Energia”, que articula uma diversidade de elementos expositivos para comunicar a história da construção da usina, jogando luz sobre os diferentes aspectos humanos, jurídicos e técnicos envolvidos.

Logo à esquerda da entrada do módulo, o painel “Usina Hidrelétrica de Itaipu: como tudo começou” apresenta uma linha do tempo que auxilia o visitante a compreender os principais marcos da história da usina, tais como o início das negociações entre as chancelarias brasileira e paraguaia em 1965, assim como o início do enchimento do reservatório em 1982. Ao seu lado esquerdo encontra-se o “Memorial do Trabalhador”, um painel contendo uma homenagem aos trabalhadores que participaram da construção da usina.



Figura 4. Memorial do Trabalhador. Ecomuseu de Itaipu. No memorial, milhares de fotos de trabalhadores foram combinadas de modo a compor uma imagem das comportas de Itaipu, um dos principais símbolos da hidrelétrica. A mensagem comunicada ao visitante é clara: a Itaipu foi feita pelo conjunto desses trabalhadores. (Fonte: produzida pela autora, 2021).

O Memorial apresenta um grande painel com milhares de fotografias de indivíduos que trabalharam nas diversas fases de construção da usina. A composição entre todas as fotografias forma uma imagem aérea da região das comportas de Itaipu. À frente desse painel, uma tela exibe entrevistas realizadas com ex-trabalhadores, que discorrem sobre as atividades que desempenhavam durante a construção da usina, o cotidiano dos trabalhadores e o modo como o empreendimento modificou suas vidas. Trata-se de uma homenagem que assinala de maneira potente a importância desses indivíduos para a construção da usina, uma temática que figura em outros momentos da exposição.

No centro do módulo o visitante encontra uma grande maquete de 2,90m x 2,10m, que representa a vista panorâmica da região da hidroelétrica no primeiro semestre de 1982, antes da formação do reservatório. Ao observá-la, pode-se ver detalhadamente como era o canteiro de obras, observar as gigantescas proporções do empreendimento e ver como eram as características da área antes do alagamento e a formação do lago de Itaipu. Trata-se, assim, de um recurso bastante didático, que desperta a atenção do público devido a seu grande tamanho e qualidade de detalhamento.



Figura 5 - Módulo O Empreendimento: Tecnologia para Geração de Energia. Ecomuseu de Itaipu. As grandes proporções e o detalhamento da maquete ao centro da sala tornam-na um grande atrativo para os visitantes. (Fonte: produzida pela autora, 2021).

Como é possível ver na Figura 5, o suporte da maquete conta ainda com monitores disponibilizados ao redor dessa, nos quais o visitante pode consultar dados históricos e informações atuais a respeito da hidrelétrica, tais como o nível atual do reservatório, a vazão vertida e os dados a respeito da produção de energia do respectivo ano e de outros anos chave, como 2016, quando a usina bateu o seu recorde de produção.

Nas paredes ao redor desse recurso também foram disponibilizados oito painéis, os quais se aprofundam na história da construção do empreendimento. Abordam, assim, aspectos como o início da construção da barragem, a data da entrada em serviço da primeira usina geradora (1984) e da finalização da construção (2007), a monumental quantidade de equipamentos e recursos utilizados nas obras e, por último, a extraordinária quantidade de trabalhadores brasileiros e paraguaios que participaram do projeto. De acordo com o painel “Áreas de Apoio”, no auge da demanda por mão de obra chegaram a ser contratados de 3 a 5 mil pessoas por mês, para os quais foi necessário fornecer uma estrutura com alojamentos, refeitórios, hospitais, clubes sociais e colégios, entre outros.

Assim, a articulação entre os elementos já descritos desse módulo comunica aos visitantes a grandiosidade da usina hidrelétrica de Itaipu. Nesse discurso, a maquete tem o papel de salientar as proporções da usina e o grande território que essa ocupa, enquanto os painéis informam detalhes sobre os mais de trinta anos que foram necessários para finalizar o empreendimento, assim como a extraordinária quantidade de trabalhadores empregados e de recursos utilizados.

Nesse discurso, os trabalhadores ganham um lugar especial. Eles não apenas são homenageados no Memorial do Trabalhador, mas também possuem papel de destaque nas últimas vitrines da sala, localizadas à direita e à esquerda da saída dessa. Nelas, documentos, fotografias e objetos informam ao visitante os aspectos jurídicos e cotidianos que envolveram a construção de Itaipu.

É na vitrine à esquerda que os trabalhadores ganham novamente foco. À frente dela, um pequeno painel intitulado “Cotidiano em Itaipu” informa que, entre 1978 e 1981, mais de 40 mil pessoas trabalharam no empreendimento, e que a história delas pode ser resgatada a partir de alguns dos objetos ali expostos. Para finalizar, disponibiliza um poema:

Eu fui um dos teus guerreiros
Lutei para proteger a minha rainha
Tu hoje és debutante que já destes a luz
Para iluminar o meu país com a tua beleza
Que encanta os olhos de quem vê...

TIO BAHIA

(Trabalhou na construção de Itaipu, de 1979 a 1991, onde foi alfabetizado e descobriu-se poeta).

É uma bonita homenagem para os trabalhadores da usina e para a comunidade de Foz de Iguaçu, já que grande parte dessa comunidade é constituída ou descende deles.

Dentro da vitrine, imagens de indivíduos em diversas atividades, como descansando, cozinhando e dirigindo máquinas, combinam-se a objetos como capacetes, rádios, um telefone e uma escrivaninha. No entanto, como esses não possuem identificação, não é possível reconhecer a sua utilidade.

Nesse sentido, é importante mencionar novamente a natureza semiótica da exposição, já que ela tem a capacidade de colocar diversos objetos em um mesmo espaço e torná-los compreensíveis entre si. Neste caso, a combinação entre objetos retirados do mundo real, imagens e um poema, ganha um sentido específico e indica uma interpretação para esse conjunto, a saber, o de uma homenagem. A partir de então, essa interpretação influenciará o modo como o visitante compreenderá a exposição e elaborará as suas significações. Em outras palavras, a estratégia de comunicação adotada possibilita que o visitante passe a compreender a exposição por meio de sentimentos como o de gratidão em relação aos trabalhadores e de

admiração em relação à Itaipu, já que o museu é capaz de valorizar e reconhecer a importância central dos trabalhadores para a usina.

A vitrine à direita da saída também conta com o painel “Marcos Institucionais”, apresentando imagens e documentos de momentos chave da história da usina, tais como uma cópia da Ata do Iguazu, assinada em 1966 com a primeira manifestação oficial do desejo de construir a usina por parte de brasileiros e paraguaios.

A saída da sala ocorre por uma porta automática, que faz parte da cenografia do último recurso desse módulo: uma réplica reduzida do eixo de uma turbina, o lugar onde a energia hidráulica é transformada em potência mecânica. A réplica se localiza ao lado direito da sala e o visitante pode observá-la em funcionamento por meio de um corredor que a contorna de modo semicircular, como é possível observar na Figura 6.



Figura 6. Réplica reduzida de eixo de turbina. Módulo O Empreendimento: Tecnologia para Geração de Energia. Ecomuseu de Itaipu. A cenografia da sala, aliada ao som ambiente que reproduz o ruído do eixo em funcionamento, proporciona aos visitantes uma experiência imersiva (Fonte: produzida pela autora, 2021).

Ao lado esquerdo do corredor, um conjunto de sete painéis se debruça sobre a explicação das peças que compõem uma turbina e o modo como essa produz energia. Acima dos três últimos painéis há uma maquete que representa um corte da barragem de Itaipu, por meio da qual é possível ver detalhadamente como a água do lago entra na usina, passa pelos dutos e gera energia, saindo para a jusante da barragem.

A estratégia cenográfica adotada nessa sala, que replica de modo cuidadoso os detalhes do interior da usina, aliada ao som ambiente da turbina em funcionamento, proporciona aos visitantes uma imersão profunda nessa temática, pois simula o ambiente original e permite o desenvolvimento de uma experiência cognitiva e afetiva. Trata-se de um exemplo claro do modo pelo qual as tecnologias museográficas, ao aliar as informações científicas ao estímulo de sentidos como a visão, a audição e o tato, produzem experiências imersivas capazes de sensibilizar o público e gerar efeitos cognitivos capazes de transformar a sua compreensão do mundo.

A saída da sala também ocorre por uma porta automática, a qual encerra essa experiência de imersão. A partir de então, o visitante tem acesso ao módulo “A Gestão Socioambiental: Uso Qualificado do Patrimônio”. Logo ao entrar nela, o público se depara com um amplo salão e uma parede, na qual foi abordada a exposição “Panorama das Artes Visuais da Bacia do Paraná 3”. Essa seria inaugurada no Museu de Arte de Cascavel e, posteriormente, iria itinerar por outras cidades da BP3, considerada o território de atuação do Ecomuseu. O objetivo da exposição seria o de difundir a produção em artes visuais realizada nas vinte e nove cidades da BP3.

É importante salientar que, como mencionado no início deste trabalho, certos setores do Ecomuseu encontravam-se fechados na época da realização deste trabalho, entre eles o espaço de exposições temporárias. Nesse sentido, esse recurso procura jogar luz sobre a continuidade dessas exposições, o principal meio da instituição para atingir as comunidades de seu território.

Atrás dessa parede, um diorama apresenta uma comparação entre os usos adequados e inadequados do solo. Ao lado esquerdo, representa-se uma paisagem desbastada, com grandes plantações e sofrendo os efeitos de desertificação. Do lado de fora do diorama, uma placa lista os usos inadequados do solo que levaram a esses resultados. A comparação acontece logo ao lado, no mesmo recurso: uma paisagem verde e arborizada, com um rio caudaloso, demonstra os efeitos dos usos adequados do solo, tais como a conservação da mata ciliar e a diversificação de culturas.

Ao lado direito da maquete, um painel feito de azulejos expõe a famosa frase do museólogo francês Georges Henri Rivière: “O museu é um espelho onde a comunidade olha para se reconhecer”(RIVIÈRE, 1985, p. 183). Rivière e o museólogo Hugues de Varine foram os intelectuais responsáveis pela elaboração do conceito de ecomuseu, e esse último realizou uma série de visitas ao Ecomuseu de Itaipu. Suas ideias de que os ecomuseus são lugares onde as populações podem se reconhecer e

buscar explicações sobre o seu território, inspira o Ecomuseu de Itaipu desde a sua criação, constando até mesmo em seu plano diretor (MORO, 1986).

Ao continuar o percurso pelo lado não explorado do salão, o público encontra um dos principais atrativos do Ecomuseu: uma grande maquete de aproximadamente 76m² instalada abaixo da linha do piso, o qual é feito de vidro para que os visitantes possam percorrer a extensão do recurso e observar de cima seus inúmeros detalhes.

A maquete traz uma representação atual da usina de Itaipu, seu reservatório e o território da BP3, de modo que é possível identificar os municípios englobados por essa bacia hidrográfica, as cachoeiras do Iguaçu, os limites nacionais do Brasil, Paraguai e Argentina e inúmeros outros aspectos que devem ser descobertos por meio de uma lenta apreciação da maquete, atividade incentivada pelos mediadores da exposição. Esses encontram-se disponíveis em grande número nesse módulo, de modo a tirar as dúvidas dos visitantes e especificar os detalhes do recurso.

A localização estratégica da maquete possibilita que as pessoas consigam se aproximar bastante dos pontos que desejam observar, além de tornar a visita mais dinâmica, pois redireciona o olhar dos indivíduos para baixo, inserindo um novo um ângulo de observação para um público que, até então, percorreu a exposição olhando apenas para frente e para cima. Nesse sentido, não é incomum ver pessoas ajoelhadas ou deitadas no piso para apreciar a maquete, uma movimentação corporal que confere à exposição uma característica muito mais descontraída.

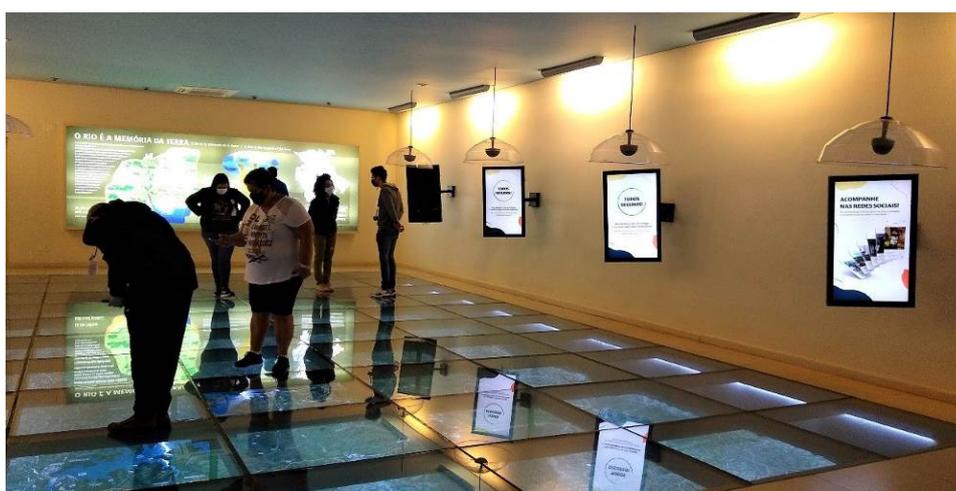


Figura 7 - Maquete da BP3. Módulo A Gestão Socioambiental: Uso Qualificado do Patrimônio. Ecomuseu de Itaipu. As grandes proporções da maquete e a estratégia de iluminação adotada são capazes de atrair o olhar dos visitantes para baixo, permitindo que a apreciação da exposição seja realizada por um novo ângulo. (Fonte: produzida pela autora, 2021).

O olhar do visitante também é atraído para baixo pela estratégia de iluminação adotada. Como pode ser visto na imagem, as lâmpadas posicionadas no teto são amarelas e produzem uma iluminação amena, enquanto a luz branca que é emitida a partir da maquete é branca, a qual tem uma maior capacidade de reter o foco e a atenção das pessoas.

Nas paredes, oito monitores sensíveis ao toque informam aos visitantes as características dos diferentes municípios da BP3, tais como sua história e as ações socioambientais que lá se desenvolvem em parceria com a Itaipu.

No fundo da sala encontra-se um grande painel *backlight* intitulado “O Rio é a Memória da Terra”. De modo bastante didático, esse recurso articula texto a imagens para explicar como se formam as bacias hidrográficas, comunicando também a localização e as informações demográficas relativas à BP3.

Ao terminar de apreciar a maquete e voltar-se novamente para o centro da sala, o visitante se depara, a sua direita, com uma porta que leva para o Espaço Botânico. Trata-se de um jardim em um espaço aberto onde o público pode conhecer espécimes vivos características da região, como o ipê roxo, a pitanga e o jatobá. Uma placa à direita da entrada informa que a Itaipu é um exemplo para os que lutam pela conservação do patrimônio natural do país, possuindo mais de 100 mil hectares de terras com reflorestamentos, refúgios biológicos, criadouros de animais silvestres e viveiros de mudas nativas.

À esquerda da entrada, outra placa salienta a importância da preservação das florestas:

As florestas constituem um importante recurso natural, atuando como reserva de diversidade genética, na moderação da temperatura e umidade do ar, no ciclo das águas e na manutenção do equilíbrio atmosférico. Proporcionam, ainda, suprimento de produtos florestais, proteção e regeneração do solo. Compostas por milhares de seres vivos, muitos ainda não conhecidos pela ciência, as florestas vêm sendo destruídas em um ritmo alarmante. Há pouco menos de um século, o oeste paranaense era coberto por uma imensa floresta, hoje reduzida a pequenos fragmentos. O estabelecimento de nossos valores e posturas diante da vida poderá determinar o futuro das florestas.

Como é possível ver, o final do texto apresenta um alerta para os visitantes, incentivando-os a repensar seus valores e posturas em relação à preservação das florestas.

Na ocasião da visita, o Espaço Botânico era a última atração da exposição. Para sair do edifício, era necessário voltar pelo mesmo percurso, saindo da exposição pela porta principal do Ecomuseu.

Por último, é importante pontuar que o percurso da visita é totalmente acessível para pessoas com restrições de mobilidade, apresentando rampas, portas amplas e banheiros acessíveis. Não há recursos em braile ou maquetes que possam ser manuseadas para deficientes visuais, mas esses podem contar com a orientação dos mediadores durante o percurso.

2. A operatividade simbólica dos discursos

Segundo Davallon (1986), toda exposição é portadora de um sentido e propõe um ou vários discursos. Esses discursos são construídos por meio da articulação de diversos elementos, como os artefatos, os textos explicativos e as fotografias, por exemplo. O encontro entre tais elementos constrói ligações, estabelece trocas e cria relações, processos que se amalgamam entre si e que, combinados a efeitos de luz, cores e espaço, produzem um discurso que será comunicado ao público. O efeito dessa comunicação é a produção de sentidos e relações sociais específicas, pois como as exposições são ao mesmo tempo produtoras e produtos de lugares sociais, são conseqüentemente espaços onde se desenvolvem e/ou reproduzem estratégias de poder.

Partindo desses pressupostos, a análise realizada à exposição permanente do Ecomuseu de Itaipu demonstrou de que modo painéis, objetos, iluminação e outros elementos expositivos, se articulam e comunicam sentidos para o público. Nesse primeiro estudo, o objetivo foi o de demonstrar para o leitor as estruturas do Ecomuseu e as relações travadas entre os diversos elementos da exposição, jogando luz sobre as estratégias comunicacionais adotadas e o modo como essas influenciam a produção de sentidos dentro do percurso expositivo.

Tomaremos como base essa primeira análise para levantar os discursos produzidos pela exposição permanente do Ecomuseu, assinalando os efeitos sociais e simbólicos dessa, ou, em outras palavras, a sua operatividade simbólica.

Para compreender essa operatividade, é necessário ter em mente que as exposições não são objetos culturais dados, mas sim o resultado de uma série de operações de colocar em exposição. Trata-se de operações técnicas e de escolhas conceituais, que atuam sobre os espaços, as coisas e os atores sociais. São, assim,

mídias que articulam conteúdos escritos, objetos expostos e organização espacial para produzir um sentido geral que é entregue ao visitante (DAVALLON, 1999).

Como mídias, as exposições podem ser consideradas um dos grandes fenômenos culturais contemporâneos, por meio dos quais é possível observar os jogos de poder e as problemáticas de uma coletividade. Nesse sentido, para analisar a operatividade simbólica dessa mídia é necessário levar em conta não apenas a exposição em si, mas também a sua situação espacial e social, observando aspectos como o território no qual ela se encontra, as condições nas quais foi implantada, as práticas que a limitam e os sistemas de crença que ela (re)produz. Assim, é possível perceber a operatividade simbólica de uma exposição, ou seja, o modo pelo qual ela intervém nas relações sociais de um território, classificando, separando ou diferenciando os grupos sociais.

Ao analisar a exposição permanente do Ecomuseu com base nessas ideias, pode-se destacar que um dos discursos mais marcantes que essa comunica é o da importância dos trabalhadores para a usina hidrelétrica de Itaipu. Como foi possível notar, antes mesmo de entrar no edifício principal da instituição, o visitante já tem contato com objetos que aludem ao trabalho de construção da usina, como o caminhão Sansão e a escultura com o símbolo da Unicon. Mas é no terceiro módulo, um dos maiores da exposição, que o discurso sobre a importância dos trabalhadores é comunicado.

Tal módulo conta não só com o Memorial do Trabalhador, mas com uma série de objetos, elementos textuais e iconográficos que comunicam aos visitantes a história da construção da usina e a centralidade dos trabalhadores nisso. É importante notar que esse processo comunicacional não se dá de modo impositivo, ou seja, a história dos barrageiros não é contada pela instituição de cima para baixo, mas sim em conjunto com os próprios trabalhadores, que ganham voz nos depoimentos fornecidos para o Memorial do Trabalhador e na poesia escrita por Tio Bahia.

Para entender a operatividade simbólica desse discurso é necessário relembrar a importância da Itaipu no processo de povoamento da região. Como mencionado na introdução desse trabalho, de 1970 a 1980 a cidade de Foz do Iguaçu teve um crescimento populacional exorbitante. A população aumentou em 385% (OLIVEIRA, 2012, p.25), passando de aproximadamente 34.000 habitantes para 136.000, um aumento que esteve diretamente relacionado às obras de construção da hidrelétrica. Desde então, a população cresceu vertiginosamente, até alcançar o número de 311.000 habitantes no ano de 2007, a partir de quando os números começam a cair.

Esses dados nos levam a concluir que grande parte da população atual da região trabalhou na usina ou descende desses trabalhadores. Essa população, ao ver a sua própria gente e história representadas no museu, sente-se valorizada e representada.

Assim, é possível ver como o discurso de valorização dos trabalhadores opera simbolicamente: ele influencia essa comunidade a produzir sua identidade por meio dos sentimentos de valorização e pertencimento, os quais estão relacionados ao reconhecimento de sua importância num projeto transformador, como é o de Itaipu.

Outro discurso comunicado de modo efetivo pela exposição é o que se refere ao sucesso dos projetos de preservação ambiental empreendidos pela usina. Em diversos momentos do percurso, o visitante se depara com informações sobre essa temática, como acontece no painel que destaca os resultados das pesquisas botânicas, no qual consta a informação de que uma grande área pertencente ao lado brasileiro da Itaipu foi declarada como Reserva da Biosfera. Os dois painéis ao lado desse, que contém as informações a respeito das ações socioambientais empreendidas pela hidrelétrica, fortalecem esse discurso, assim como o diorama que aborda os usos inapropriados do solo e a grande maquete que representa o território da BP3, na qual ganham destaque os afluentes e subafluentes do rio Paraná, assim como as grandes áreas verdes ao redor desses. Por último, há o Espaço Botânico, no qual o visitante pode entrar em contato direto com espécies vivas características da região, assim como ler mais a respeito da importância das florestas e do papel da usina pela conservação do patrimônio natural brasileiro.

Todos esses elementos expositivos, que compreendem textos, cores, imagens e espécies vegetais, se combinam e comunicam um discurso a respeito da importância do meio ambiente e de sua preservação para a usina hidrelétrica de Itaipu.

No entanto, é importante notar que, nesse discurso, a importância da preservação está principalmente relacionada à utilidade que a natureza possui para os seres humanos, uma lógica que acaba coisificando elementos como o ar e a água, e fortalecendo a noção de que o meio ambiente é algo a ser consumido pela sociedade.

É possível notar essa característica de modo mais claro no Espaço Botânico, no painel à esquerda de quem entra. Nesse recurso, a importância das florestas é atrelada a aquilo que os recursos dessas podem oferecer, como a moderação da temperatura, da umidade do ar, a manutenção do equilíbrio atmosférico, os produtos florestais e a regeneração do solo. A mesma lógica pode ser observada na maquete sobre os usos do solo, na medida em que essa produz uma comparação visual para

destacar a importância de ações como a conservação das matas ciliares e a manutenção das reservas legais, mas articula essa importância a uma utilização mais aproveitável do solo.

Essa noção utilitarista da natureza vincula a sua importância a aquilo que ela pode fornecer para o ser humano, de modo que o meio ambiente passa a ser entendido como uma espécie de armazém, ou seja, um fornecedor de recursos naturais e bens coisificados – como a temperatura e a umidade do ar – a serem consumidos pela sociedade. Tal mentalidade possui uma base essencialmente econômica e é característica da Razão Moderna, a qual fundamenta o desenvolvimento da sociedade ocidental desde o século XVIII, sustentando a noção de que o progresso de uma sociedade está intrinsecamente relacionado ao seu crescimento econômico (MORIN; KERN, 2003). Nesse contexto, a natureza perdeu o seu valor intrínseco, passando a ter a sua importância atrelada às contribuições que poderia dar para esse crescimento, como o fornecimento de matéria-prima (FERNANDES; SAMPAIO, 2008).

É em tal contexto que devemos entender a operatividade simbólica do discurso comunicado pelo Ecomuseu. Ele reproduz esses paradigmas e influencia a produção de formas de comportamento e visões de mundo baseados numa lógica consumista, segundo a qual seria válido extrair e consumir quaisquer elementos da natureza em prol do progresso econômico. Desse modo, apesar do Plano Diretor da instituição prever a necessidade do estabelecimento de laços afetivos para a preservação do ambiente, o discurso comunicado não se baseia na afetividade, mas na lógica consumista.

A exposição também ratifica esse discurso ao comunicar a ideia de que a construção da usina hidrelétrica de Itaipu não haveria ocasionado qualquer problema socioambiental, já que a exposição aborda as ações socioambientais, mas não especifica quais seriam os problemas que essas estariam sanando. A única referência a eles ocorre no painel “Ações Socioambientais”, quando se menciona que a diversidade de projetos abordados na exposição foi realizada para mitigar o impacto causado pela formação do lago de Itaipu. Mas o recurso não especifica quais foram esses impactos, uma temática que não é tratada em nenhum momento da exposição.

Nesse sentido, as ações socioambientais são abordadas exclusivamente de modo a exaltar o sucesso da usina em preservar o meio ambiente, o que comunica o sentido de que elas seriam um ganho a mais trazido pela Itaipu, e não o de que elas

fossem estritamente necessárias para mitigar os impactos causados pela construção da usina, já que tais impactos não são especificados em nenhum momento.

Esse discurso comunica a ideia de que, mesmo em um projeto grandioso como a Itaipu, a natureza se dobra totalmente à experiência humana, já que a exposição aborda detalhadamente as gigantescas obras e as enormes quantidades de recursos utilizados para a construção da usina, comunicando, ao mesmo tempo, a ideia de que não houve qualquer problema resultante disso, mas apenas benefícios.

Tal discurso opera simbolicamente produzindo uma espécie de alienação do público, pois esse não é informado dos reais custos ambientais, afetivos e sociais que podem resultar da construção de um empreendimento grandioso como a usina hidrelétrica de Itaipu. É necessário mencionar que, no caso dessa, alguns desses custos envolveram a inundação das Sete Quedas do Rio Paraná, que eram as maiores cachoeiras do mundo em volume de água, configurando-se como um patrimônio natural e cultural único; o surgimento de uma zona de prostituição nos arredores das obras da usina, o que resultou em uma legião de crianças órfãs e abandonadas (KONIG, 2021); a expulsão de comunidades indígenas de suas terras sagradas; a perda da biodiversidade da região; a mudança da dinâmica do Rio Paraná; a destruição de habitats e a fragmentação de comunidades de moradores locais.

Além desses aspectos discursivos, também é necessário pontuar o modo como a presença indígena é comunicada na exposição. Essa é evocada antes mesmo do visitante entrar no prédio principal do Ecomuseu, por meio da réplica do enterramento tupi-guarani disponibilizado antes da entrada principal, sendo retomada logo depois, no primeiro módulo. Nele, comunica-se ao público as diferentes fases de ocupação humana da região, processo no qual os indígenas ganham bastante importância, já que metade das vitrines e painéis do módulo se concentra na representação de sua história e aspectos culturais.

Nesse sentido, é possível afirmar que o discurso expositivo joga luz sobre a presença antiga dos indígenas na região, superando certas narrativas históricas que sustentam que o oeste do atual Paraná era despovoado antes da chegada dos colonizadores espanhóis. De acordo com a professora de antropologia e assistente social Nara Oliveira (2012),

A idealização do processo colonizatório inscreve esta região como sendo *terra virgem*, *deserto de gente*, *área abandonada*, dentre outros adjetivos imputados ao território. Esta noção ignora a presença

das comunidades indígenas como anterior às primeiras frentes de migrantes nacionais, negando a *ancestralidade indígena sobre o território*.

Sendo assim, ao deixar claro em suas vitrines que os indígenas ocupavam a região desde 2.000 a.C., o discurso do Ecomuseu rompe com essa idealização eurocêntrica do processo colonizatório do Paraná, sensibilizando o público para o fato de que a região já era ocupada há milênios, por povos que desenvolveram diferentes culturas e modos de vida nesse mesmo espaço.

No entanto, ao longo de toda a exposição, essa presença indígena é relegada ao passado. Ainda no primeiro módulo é possível notar que, depois da vitrine que aborda a sua catequização, os indígenas não são mais referenciados, como se houvessem desaparecido. Além disso, é importante salientar que o módulo evoca uma linha do tempo, como é afirmado no vídeo institucional “Conhecendo o Ecomuseu da Itaipu Binacional – Episódio 1”, e que linhas do tempo podem tornar-se recursos problemáticos, pois tendem a ser lidas por meio de uma associação entre a passagem do tempo e uma evolução inexorável. Desse modo, como os indígenas não figuram mais nesse módulo após a vitrine que representa a sua catequização, o visitante pode compreender que, depois desse processo, eles teriam adotado totalmente a religião cristã, tendo alcançado uma espécie de evolução que os relaciona, a partir de então, à cultura ocidental, a qual é a única a ser referenciada nos seguintes recursos expositivos do módulo.

No entanto, a ideia de que os indígenas haveriam desaparecido após o contato com os colonizadores é errônea, visto que diversos grupos guaranis ocupavam a região poucos meses antes da inundação da área e da formação do lago de Itaipu. Apesar disso, a presença mais recente desses grupos é calada durante toda a exposição. Os recursos que abordam o projeto arqueológico de Itaipu conseguem contemporanizar mais essa presença, já que afirmam ser possível reconstituir a ocupação humana na região até o ano de 1920 d.C. Mas, posteriormente, não há referências à ocupação indígena da área nas décadas de 1970 e 1980, quando a usina já estava em construção.

Nota-se, assim, que o discurso expositivo condiciona os indígenas ao passado, o que pode ser percebido em outros recursos como o painel “Erva-mate: O Ouro Verde do Paraná”, no qual eles são assinalados como os primeiros consumidores da erva-mate, fazendo uso dela antes do século XVI, ou ainda no painel “Obrageros, Mensus e Colonos – História do Oeste Paranaense”, no qual se afirma que o Oeste do

Paraná já foi ocupado por indígenas e espanhóis. Desse modo, a presença indígena é referenciada sempre em um tempo passado.

Esse discurso, que silencia a respeito dos grupos indígenas expulsos da região para a formação do lago de Itaipu, opera simbolicamente apagando a história recente desses e ordenando-os como menos importantes do que as outras comunidades representadas na exposição, como a dos antigos trabalhadores da obra.

Tal discurso vai em encontro a certas narrativas históricas, presentes de modo marcante em recursos como livros didáticos (RAMOS; CAINELLI; OLIVEIRA, 2018; SILVA, 2019b; SOUZA, 2019), que romantizam os indígenas considerando-os os habitantes originais do território, mas não os representam como sujeitos históricos, apenas como coadjuvantes de uma história de cunho eurocêntrico que se foca, sobretudo, nos colonizadores. O resultado desse discurso que os representa como figuras do passado é a sua atual marginalização, pois esses são considerados como grupos que não haveriam evoluído ou, no outro extremo, como grupos que não representariam mais a cultura indígena, devido à perda daquela aura romântica por usarem roupas como calças jeans, dispositivos eletrônicos como celulares ou até mesmo por frequentar universidades.

Os efeitos sociais dessa situação são graves, e vão desde a falta de políticas públicas direcionadas à sobrevivência territorial desses grupos, até o surgimento de uma onda de suicídios entre indígenas no Oeste do Paraná. Conforme noticiado pelo site jornalístico Brasil de Fato (SOARES, 2022), dezesseis guaranis cometeram suicídio na região ao longo do ano de 2021, e outros vinte e quatro tentaram fazê-lo. O motivo, segundo as lideranças indígenas, seria o descaso das autoridades quanto à regularização de novas terras, o abandono desses grupos e a extrema pobreza advinda desses fatores, o que resultaria em uma falta de perspectiva para o futuro.

Nesse sentido, pode-se ver claramente como as exposições funcionam como indutores de sociabilidade dentro de um território, (re)produzindo noções e disputas de poder ao separar, ordenar e diferenciar a importância dos grupos sociais que ali vivem. Como afirmou Davallon, “*a operatividade simbólica é forçosamente também operatividade social*” (DAVALLON, 1999).

Considerações finais

Ao longo deste trabalho foi possível demonstrar como os diferentes elementos de uma exposição se articulam e produzem diversos discursos, os quais operam

simbolicamente influenciando as estruturas de pensamento e as relações sociais de um território. Nesse processo, jogamos luz sobre questões que estão no centro das preocupações atuais de sociedades por todo o planeta, como a relação que o ser humano estabelece com a natureza e o lugar social e simbólico dos povos originários.

Desse modo, demonstramos de que modo os discursos expositivos operam simbolicamente na (re)produção de uma relação consumista entre ser humano e natureza, assinalando, ao mesmo tempo, como eles podem relegar os indígenas para uma posição marginal na sociedade.

Compreendemos que a superação desses efeitos sociais envolve o repensar das práticas museológicas e que a sua solução pode se dar de modo inter-relacionado, uma vez que é possível repensar a relação entre ser humano e natureza com base na cultura de diversos povos indígenas, os quais estabelecem com essa uma relação de afetividade, não de consumo.

De acordo com a bióloga Érika Fernandes-Pinto (2017), a perda do valor intrínseco da natureza e a dissociação entre essa e o ser humano são aspectos fundamentais da crise contemporânea, a qual está relacionada não só aos problemas ambientais, mas também à perda de valores existenciais e do sentimento de desconexão com uma dimensão mais profunda da vida. Desse modo, a superação dessas problemáticas passaria por uma necessária reconexão do ser humano com a natureza, pautada em valores como a solidariedade, a ser aplicada também nas relações com os outros seres humanos. Essa estratégia permitia a criação de laços espirituais com o ambiente em que se vive, promovendo outros tipos de relação com a natureza que não se baseassem apenas em argumentos cientificistas e utilitaristas, os quais ainda são comumente reproduzidos no discurso ambientalista com noções como a de desenvolvimento sustentável, uma solução paliativa para a crise ambiental, já que não pressupõe transformações basilares nos padrões de consumo e produção.

Quando pensamos nas práticas museológicas, trata-se de pensar que a interpretação e comunicação do patrimônio de um território deve ser realizada de um modo interdisciplinar, abarcando, além dos aspectos sociais, históricos, geográficos e econômicos, as dimensões sociais e afetivas dos fenômenos. Com isso é possível alcançar um envolvimento profundo dos indivíduos com as questões ecológicas, já que essas se reconectam aos valores espirituais desses.

Nesse processo, a cultura e os saberes dos indígenas desenvolvem um papel chave, pois muitos desses grupos elaboram seu relacionamento com a natureza por

meio de noções de parentesco e afetividade, como é possível ver, por exemplo, no modo como o líder indígena Ailton Krenak descreve a relação do seu grupo com Rio Doce: “O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas” (KRENAK, 2019, p. 40). Além disso, sociedades tradicionais como essas frequentemente possuem sítios naturais sagrados, ou seja, espaços que são associados às histórias e identidades culturais desses grupos e têm se revelado núcleos de expressões espirituais para toda a humanidade (FERNANDES-PINTO, 2017).

É importante deixar claro que não se trata de romantizar os saberes e a cultura desses grupos, resgatando-os de um passado idílico e aplicando-os de maneira descontextualizada ao tempo presente. Defendemos, em verdade, a valorização da cultura indígena e o inter-relacionamento dos seus saberes aos científicos, produzindo uma ecologia de saberes, baseada no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos e na capacidade que esses possuem de interagirem dinamicamente sem perder a sua autonomia (SANTOS, 2007).

A produção dessa ecologia de saberes resulta na valorização dos povos indígenas e no seu reconhecimento como agentes transformadores do mundo, contribuindo para a sua desmarginalização e o alcançar da justiça social, considerada, por nós, o objetivo final de todo trabalho científico.

Referências

ALCÂNTARA, Gustavo Kenner; OMOTO, João Akira; JUNIOR, Julio José Araujo; RAMOS, Luciana Maria de Moura (ORG.). *Ava-Guarani: a construção de Itaipu e os direitos territoriais*. Brasília: ESMPU, 2019.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. Território extinto: análise dos discursos e práticas guarani sobre as terras tragadas por Itaipu Binacional. *Epistemologias do Sul*, v. 2, n. 2, p. 87–106, 2018.

DAVALLON, Jean. *Claquemurer pour ainsi dire tout l'univers: La mise en exposition*. Paris: Éditions du Centre Georges-Pompidou, 1986.

DAVALLON, Jean. *L'exposition à l'oeuvre. Stratégies de communication et médiation symbolique*. Paris: L'Harmattan, 1999.

FERNANDES-PINTO, Érika. *Sítios naturais sagrados do Brasil: inspirações para o reencantamento das áreas protegidas*. 2017. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FERNANDES, Valdir; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Problemática ambiental ou problemática socioambiental? A natureza da relação sociedade/meio ambiente. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 18, p. 87–94, 2008.

ICOM; UNESCO. *Declaración de la Mesa de Santiago de Chile 1972*. Disponível em: <http://www.iber museos.org/pt/recursos/documentos/declaracion-de-la-mesa-de-santiago-de->

[chile-1972/](#). Acesso em: 12 jul. 2022.

ITAIPU BINACIONAL. *Uma cidade chamada Itaipu*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/nossahistoria>. Acesso em: 20 jan. 2022a.

ITAIPU BINACIONAL. *O Rio Paraná encontra um paredão de concreto, Itaipu*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/nossahistoria>. Acesso em: 20 jan. 2022b.

ITAIPU BINACIONAL. *Plan básico para conservación del medio ambiente*. Foz do Iguaçu: [s.n.], 1975.

ITAIPU BINACIONAL. *Mesmo em ano de seca, energia gerada por Itaipu seria suficiente para suprir 36 milhões de casas*. 2022. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/mesmo-em-ano-de-seca-energia-gerada-por-itaipu-seria-suficiente-para-suprir>. Acesso em: 23 jan. 2022.

KONIG, Mauri. Os filhos esquecidos de Itaipu. *The Intercept Brasil*, 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/01/06/prostituicao-controlada-pela-ditadura-para-construir-itaipu-deixou-legiao-de-criancas-sem-pai/>. Acesso em: 12 jul. 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brig. *Terra Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORO, Fernanda de Camargo Almeida. *Ecomuseu de Itaipu. Plano Diretor*. Mauseion, 1986.

OLIVEIRA, Nara. *Foz do Iguaçu intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade*. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2012.

RAMOS, Márcia Elisa Teté; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira De. As sociedades indígenas nos livros didáticos de história: entre avanços, lacunas e desafios. *Revista História Hoje*, v. 7, n. 14, p. 63-85, 2018.

RIVIÈRE, Georges Henri. Définition évolutive de l'écomusée. *Museum*, v. XXXVII, n. 148, p.182-183,1985.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estud. - CEBRAP*, n. 79, p.1-55, 2007.

SILVA, Cláudia Feijó Da. *Ecomuseu 30 anos*. Foz do Iguaçu: Itaipu Binacional, 2019a.

SILVA, Vitor Ferreira Da. O livro didático e as sociedades indígenas. *Textos e debates*, n. 32, p. 125-134, 2019.b.

SOARES, Bruno. *Sem perspectiva de futuro, mais um jovem guarani comete suicídio no Oeste do Paraná*. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2022/03/11/sem-perspectiva-de-futuro-mais-um-jovem-guarani-comete-suicidio-no-oeste-do-parana>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SOUZA, Matheus Vargas De. Nativos americanos na BNCC: entre Pré-História e Antiguidade? *Temporalidades*, v. 11, n. 30, p. 666–687, 2019.

Data de recebimento: 12.07.2022

Data de aceite: 06.09.2022